

MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Jacques Marquet, Luc Van
Campenhoudt, Raymond Quivy

TRADUÇÃO DA EDIÇÃO ORIGINAL DE 1995
João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes
e Maria Carvalho

REVISÃO CIENTÍFICA DA EDIÇÃO ORIGINAL DE 1995
Rui Santos
(Departamento de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa)

TRADUÇÃO PARCIAL DE EDIÇÕES POSTERIORES – REVISTAS E AUMENTADAS
Isabel Lopes e Maria Ana Matta

REVISÃO
Helder Guégues e Carlos Pinheiro

NÃO-FICÇÃO · SOCIOLOGIA

Índice

Prefácio à 6. ^a edição	11
---	----

Prefácio à 5. ^a edição	13
---	----

OBJECTIVOS E PROCEDIMENTOS

1. Os objectivos	17
1.1 Objectivos gerais	17
1.2 Concepção didáctica	18
1.3 «Investigação» em «ciências» sociais?	20
2. O procedimento	21
2.1 Problemas de método (o caos original... Ou três maneiras de começar mal).	21
2.2 As etapas do procedimento	25

PRIMEIRA ETAPA – A PERGUNTA DE PARTIDA

1. Objectivos.	35
2. Uma boa forma de actuar.	36
3. Os critérios de uma boa pergunta de partida	37
3.1 As qualidades de clareza	38
3.2 As qualidades de exequibilidade.	40
3.3 As qualidades de pertinência.	41
3.4 Alguns exemplos de boas perguntas de partida	46
3.5 Conclusão	47
4. E se ainda tiver reticências...	49

SEGUNDA ETAPA – A EXPLORAÇÃO

1. Objectivos.	53
2. A leitura	53
2.1 A escolha e a organização das leituras.	54
2.2 Como ler?	60

3. As entrevistas exploratórias	73
3.1 Com quem é útil ter uma entrevista?	75
3.2 Em que consistem as entrevistas e como realizá-las?	76
3.3 A exploração das entrevistas exploratórias	85
4. O papel dos métodos exploratórios no processo de investigação.	90
4.1 Métodos exploratórios complementares	90
4.2 Continuidade entre a fase exploratória e as etapas seguintes	91

TERCEIRA ETAPA – A PROBLEMÁTICA

1. Objectivos	97
2. Exemplos de problemáticas.	98
2.1 Os comportamentos sexuais perante o risco de sida.	98
2.2 As expectativas dos cidadãos em relação à Justiça	104
2.3 A exposição de si na Internet	108
2.4 O suicídio	111
3. O conceito enquanto ferramenta de problematização	112
3.1 Interacção	115
3.2 Zona de incerteza	115
3.3 Sistema.	116
3.4 Campo	117
3.5 Redes de actores sociais.	118
3.6 Função	118
3.7 Desafio	119
3.8 Acção colectiva	120
4. Os dois momentos de uma problemática	122
4.1 Primeiro momento: fazer o balanço e elucidar as problemáticas possíveis	123
4.2 Segundo momento: atribuir-se uma problemática.	124

QUARTA ETAPA – A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

1. Objectivos	133
2. Em que consiste o modelo de análise?	134
2.1 O suicídio	134
2.2 Poder e rede social	139
2.3 A construção de conceitos	143
2.4 A formulação e as funções das hipóteses	145
3. Dois caminhos para proceder concretamente	151
3.1 A teorização emprestada	152

3.2 A teorização construída	153
3.3 Teorização emprestada ou teorização construída	156
4. Duas aplicações... Para seguir	157
4.1 Comportamentos sexuais e atitudes perante o risco de sida	158
4.2 O Movimento Branco	165

QUINTA ETAPA — A OBSERVAÇÃO

1. Objectivos	173
2. Observar o quê? A definição dos dados pertinentes	175
3. Observar quem? O campo de análise e a selecção das unidades de observação	177
3.1 O campo de análise	177
3.2 A amostra	178
4. Observar como? Os instrumentos de observação e a recolha dos dados	182
4.1 A elaboração dos instrumentos de observação	182
4.2 As três operações da observação	197
5. Panorama dos principais métodos de recolha das informações	200
5.1 O inquérito por questionário	201
5.2 A entrevista	205
5.3 A observação directa	210
5.4. O método dos percursos comentados	216
5.5. O jogo da rede socioespacial (Socio-Spatial Network Game)	220
5.6 A recolha de dados preexistentes: dados secundários e dados documentais	224

SEXTA ETAPA — A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

1. Objectivos	235
2. Dois exemplos	236
2.1 Os comportamentos sexuais e as atitudes perante o risco de sida	236
2.2 O Movimento Branco	244
3. As três operações de análise das informações	251
3.1 A preparação dos dados ou informações	251
3.2 A ligação entre dados ou informações	254
3.3 A comparação dos resultados observados com os resultados esperados e a interpretação das diferenças	256
4. Panorama dos principais métodos de análise das informações	258
4.1 A análise estatística dos dados	258
4.2 A análise de conteúdo	262

4.3 Limites e complementaridade dos métodos específicos: o exemplo da <i>field research</i>	269
4.4 Um cenário de investigação não linear	271
4.5 Exemplos de investigações que aplicam os métodos apresentados	272

SÉTIMA ETAPA – AS CONCLUSÕES

1. Objectivos	279
2. Novos conhecimentos, ensinamentos teóricos e metodológicos	279
2.1 Novos conhecimentos relativos ao objecto de análise	280
2.2 Aprendizagens teóricas	280
2.3 Aprendizagens metodológicas	282
3. O inquérito sobre o inquérito	282
4. Perspectivas práticas	284
5. O relatório de investigação e o armazenamento de dados.	285

DUAS APLICAÇÕES DO PROCEDIMENTO

1. Objectivos	289
2. Aplicação n.º 1: a relação com o corpo nos cuidados.	289
2.1 A pergunta de partida	290
2.2 A exploração.	291
2.3 A problemática	294
2.4 A construção do modelo de análise	297
2.5 A observação	301
2.6 A análise das informações	304
2.7 Conclusões.	310
3. Aplicação n.º 2: os modos de adaptação ao risco de infecção pelo VIH nas relações heterossexuais	312
3.1 A pergunta de partida	312
3.2 A exploração.	313
3.3 A problemática	315
3.4 A construção do modelo de análise	317
3.5 A observação	320
3.6 A análise das informações	320
3.7 Conclusões.	324

Recapitulação das operações	325
---------------------------------------	-----

Bibliografia	327
------------------------	-----

Glossário	329
---------------------	-----

Prefácio à 6.^a edição

Nesta 6.^a edição, e comparativamente à 5.^a edição deste *Manual* que teve numerosas alterações face àquela que a antecedeu, foram feitas bastante menos actualizações. De uma forma geral, as modificações incidem sobre três pontos: é dada maior atenção às questões éticas da investigação em ciências sociais; o capítulo dedicado à observação, ou trabalho de campo, foi significativamente enriquecido; e a conclusão foi reformulada.

O *Manual* não é uma obra de ética, nem mesmo de ética da investigação; continua a ser uma obra metodológica. No entanto, parece-nos hoje indispensável chamar a atenção dos jovens que se dedicam à investigação para as questões éticas que esse trabalho suscita e que, ousamos reiterar, se colocam ao longo de toda a investigação. Com isso em mente, ao contrário de outras obras¹ que dedicam um capítulo específico às questões éticas, optámos por abordá-las em cada uma das etapas, a fim de sublinhar que deve haver uma preocupação permanente com a ética e que as questões que esta levanta não ficam definitivamente resolvidas. A diversidade de teorias do conhecimento, de metodologias e de técnicas aplicáveis às ciências sociais e humanas faz com que seja, de facto, irrealista pensar que é possível abordar todas as questões éticas que surjam; no entanto, procurámos falar das questões mais frequentes.

O enriquecimento da oferta metodológica em matéria de observação e trabalho de campo (etapa 5) ficou a dever-se a duas necessidades principais: por um lado, a necessidade de propormos métodos que nos permitam chegar a novos públicos, como as crianças ou as pessoas que sofrem de perturbações mentais graves, e que se encontrem menos acessíveis através dos métodos mais convencionais; por outro lado, a necessidade de levarmos mais em conta a dimensão espacial da vida colectiva e das relações sociais. Agradecemos especialmente aos nossos colegas Laura Merla e Bérengère Nobels do projecto MobileKids (CIRFASE-UCLouvain), Vincent Lorant e François Wyngaerden do projecto Morpheus (IHS-UCLouvain), bem como a todos os outros investigadores

¹ Como S. Gaudet e D. Robert, *L'aventure de la recherche qualitative. Du questionnement à la recherche scientifique*, Otava, Les presses de l'Université d'Ottawa, 2018.

destas duas equipas de investigação que nos tornaram mais sensíveis a estas necessidades.

Por último, procurámos colmatar uma lacuna na etapa «As conclusões», insistindo na importância de realizar uma investigação sobre a própria investigação, ou seja, uma «meta-análise» que tenha como objecto o próprio desenrolar da investigação, com o objectivo de, por um lado, compreender melhor o alcance e os limites dos resultados obtidos e, por outro lado, obter informações adicionais sobre o objecto da investigação e, consequentemente, sobre a resposta dada à questão a que a investigação pretende dar resposta. Esta abordagem levou à alteração da estrutura desta etapa.

Além das referidas alterações, actualizámos de forma mais cirúrgica diversas partes do *Manual*. Para que a obra não ficasse demasiado extensa devido às novas incorporações, procedeu-se, por exemplo, à supressão ou ao encurtamento de algumas passagens que não nos pareciam indispensáveis.

Prefácio à 5.^a edição

Sempre que fazemos uma nova edição do *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, introduzimos melhorias substanciais para que este possa estar sempre adaptado às necessidades de alunos, jovens investigadores e docentes de ciências sociais. Estas necessidades evoluem em função do contexto societal, cuja rápida transformação impõe uma renovação das temáticas. Simultaneamente, registou-se uma evolução das ferramentas metodológicas (sobretudo graças à informática e às tecnologias digitais), e os investigadores devem poder tirar proveito das mesmas.

No entanto, as diversas alterações feitas ao longo das sucessivas edições podiam pôr em risco a coesão global da obra. Como tal, nesta 5.^a edição, uma das nossas principais preocupações foi garantir que esta era coesa. Doravante, da problemática à análise da informação, o leitor acompanhará as mesmas duas investigações concretas. A primeira ilustra a aplicação dos chamados métodos qualitativos, a segunda, os métodos quantitativos. Deste modo, o leitor estará apto a compreender melhor o processo de investigação na sua continuidade. Os problemas inerentes a qualquer investigação serão abordados da forma mais realista possível, no momento em que ocorrem. Os temas destas duas investigações, bastante actuais, não faziam parte das primeiras edições: os comportamentos perante o risco de infecção por VIH durante as relações sexuais e a participação dos cidadãos numa acção colectiva. Outros exemplos marcam este livro, nomeadamente, as expectativas dos cidadãos quanto à justiça ou as relações entre profissionais de medicina psiquiátrica e do direito no trabalho em rede, terminando nas duas aplicações que, no final da obra, sintetizam o conjunto do procedimento, sendo uma, também ela inédita, sobre a relação com o corpo nos cuidados de enfermagem.

Reunidos em torno de temáticas relacionadas com diferentes aspectos da vida em sociedade, a partir de situações concretas susceptíveis de tocar cada um no âmago da sua existência, tanto investigadores quanto inquiridos, os diversos exemplos são retirados de investigações reais, nas quais os próprios investigadores participaram directamente. Encarar a realidade social é uma exigência da investigação em ciências sociais sobre a qual esta 5.^a edição insiste mais do que as anteriores.

Proximidade e envolvimento com as temáticas não impedem que estas sejam abordadas com toda a distância e sangue-frio necessários, sobretudo para os que se iniciam na profissão. É por isso que o procedimento aqui exposto se

mantém bastante progressivo, sendo cada operação cuidadosamente detalhada, passo a passo. Por motivos pedagógicos, o procedimento apresentado é essencialmente dedutivo, pelo que se progride mais da teorização para o terreno do que o inverso. Mesmo quando o investigador adopta um procedimento indutivo, em que parte do terreno para a teorização, precisa, sobretudo se ainda está em formação e apenas a começar, de decompor as etapas e as diversas operações que aquelas comportam, para depois as ordenar e conhecer melhor.

O *Manual* parte do princípio de que, no decorrer da maioria das investigações concretas, a dedução e a indução não se opõem, muito pelo contrário: completam-se. O mesmo acontece com os métodos quantitativos e qualitativos, que muitas vezes são mobilizados, de forma complementar e em proporções variáveis, no seio do mesmo projecto de investigação. O leitor dar-se-á conta disso conforme for progredindo na leitura do *Manual*. Mesmo que opte por uma abordagem claramente indutiva, as etapas, as ferramentas e as indicações contidas nestas páginas serão referências importantes para si.

[...]

O desenvolvimento de alguns dos exemplos desta 5.^a edição implica a apresentação de algumas operações técnicas de base, tanto quantitativas como qualitativas. Estas explicações são indispensáveis para compreender o processo de investigação em contexto real e continuam redigidas de forma tão clara e pedagógica quanto possível. A formação proposta pelo *Manual*, tornada mais robusta e consistente, permite agora realizar exercícios baseados em dados e informações concretas, quer individualmente, quer em grupo, em contexto de sala de aula.

Acrescentaram-se outras melhorias ao longo destas páginas, sobretudo recursos disponíveis na Internet para a fase exploratória e também para a análise das informações, e procedeu-se a uma actualização da bibliografia especializada relativa às diferentes etapas do procedimento.

Para evitar que estas melhorias e acrescentos tornassem o texto muito pesado, reduzimos algumas passagens menos úteis ou redundantes. Tal como nas edições anteriores, optámos igualmente pelo género masculino («o investigador», «o professor», «o aluno») no sentido universal, ou seja, sem marca de género e que pode, assim, designar tanto uma mulher como um homem. No entanto, registamos uma excepção: a investigação sobre a relação com o corpo nos cuidados de enfermagem, apresentada no final do livro, onde as dimensões de género e sexo são centrais e devem ser sublinhadas.

[...]

Com esta 5.^a edição, mais completa e equilibrada, mas sempre tão pedagógica e prática como as anteriores, o *Manual* é, mais do que nunca, o guia e o companheiro precioso do estudante e do jovem investigador em ciências sociais.

Objectivos e procedimentos

1. Os objectivos

1.1 Objectivos gerais

A investigação em ciências sociais segue um procedimento análogo ao do pesquisador de petróleo. Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura. Pelo contrário, o êxito de um programa de prospecção petrolífera depende do procedimento seguido. Primeiro, o estudo dos terrenos, depois, a perfuração. Este procedimento implica a participação de numerosas competências diferentes. Os geólogos irão determinar as zonas geográficas onde é maior a probabilidade de encontrar petróleo; os engenheiros irão conceber processos de perfuração apropriados, que irão ser aplicados pelos técnicos.

Não pode exigir-se ao responsável do projecto que domine ao pormenor todas as técnicas necessárias. O seu papel específico será o de conceber o conjunto do projecto e coordenar as operações com o máximo de coerência e eficácia. É sobre ele que recairá a responsabilidade de levar a bom termo o dispositivo global de investigação.

No que respeita à investigação social, o processo é comparável. Importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho. Este nunca se apresentará como uma simples soma de técnicas que se trataria de aplicar tal qual se apresentam, mas sim como um percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho.

Quando, no decorrer de um trabalho de investigação social, o seu autor se vê confrontado com problemas graves que comprometem o prosseguimento do projecto, raramente isso acontece por razões de ordem estritamente técnica. É possível aprender variadíssimas técnicas de um modo bastante rápido, assim como, de qualquer forma, solicitar a colaboração ou, pelo menos, os conselhos de um especialista. Quando um investigador, profissional ou principiante, sente grandes dificuldades no seu trabalho, as razões são quase sempre de ordem

metodológica, no sentido que damos ao termo. Ouvimos então expressões invariavelmente idênticas: «Já não sei em que ponto estou», «tenho a impressão de já nem saber o que procuro», «não faço a mínima ideia do que hei-de fazer para continuar», «tenho muitos dados... mas não sei o que fazer com eles», ou até mesmo, logo de início, «não sei bem por onde começar».

Esta obra foi concebida para ajudar todos os que, no âmbito dos seus estudos, das suas responsabilidades profissionais ou sociais, desejem formar-se em investigação social ou, mais precisamente, empreender com êxito um trabalho de fim de curso ou uma tese, trabalhos, análises ou investigações cujo objectivo seja compreender mais profundamente e interpretar mais acertadamente os fenómenos da vida colectiva com que se confrontam ou que, por qualquer razão, os interpelam.

O modo de utilização deste manual dependerá das necessidades específicas de cada um, em função das suas ambições e do âmbito do trabalho. Os que iniciam uma tese de doutoramento numa disciplina de ciências sociais devem realizar todas as fases do processo de investigação científica aprofundadamente. Os que trabalham num mestrado, menos ambicioso, podem apoiar-se utilmente nesta obra para reunir e tratar eficazmente todos os documentos e construir a sua problemática, sem que para isso tenham de seguir, de forma exaustiva, todas as etapas e o que isso implica.

Uma vez que a obra foi concebida como um recurso de formação metodológica em sentido lato, abordaremos, numa ordem lógica, temas como a formulação de um projecto de investigação, o trabalho exploratório, a construção de um plano de pesquisa ou os critérios para a escolha das técnicas de recolha, tratamento e análise dos dados. Deste modo, cada um poderá, chegado o momento e com pleno conhecimento de causa, fazer sensatamente apelo a um ou a outro dos numerosos métodos e técnicas de investigação, em sentido restrito, para elaborar por si mesmo, a partir deles, procedimentos de trabalho correctamente adaptados ao seu projecto. No momento próprio, cá estaremos para ajudar.

1.2 Concepção didáctica

No plano didáctico, esta obra é directamente utilizável. Isto significa que o leitor que o deseje poderá, logo a partir das primeiras páginas, aplicar ao seu trabalho as recomendações que lhe serão propostas. Apresenta-se, pois, como um manual cujas diferentes partes podem ser experimentadas, seja por investigadores principiantes isolados, seja em grupo ou na sala de aula, com o enquadramento crítico de um docente formado em ciências sociais. No entanto, recomenda-se uma primeira leitura integral antes de iniciar os trabalhos de aplicação, de modo

que a coerência global do procedimento seja bem apreendida e as sugestões sejam aplicadas de forma flexível, crítica e inventiva.

Semelhante ambição pode parecer uma aposta impossível: como é possível propor um manual metodológico num campo de investigação no qual, como é sabido, os dispositivos de pesquisa variam consideravelmente com as investigações? Não existe aqui um enorme risco de impor uma imagem simplista e muito arbitrária da investigação social? Por várias razões, pensamos que este risco só poderia resultar de uma leitura extremamente superficial ou parcial deste livro.

Embora o conteúdo desta obra seja directamente aplicável, não se apresenta como uma simples colecção de receitas, mas como uma trama geral e muito aberta, no âmbito da qual (e fora da qual!) podem pôr-se em prática os mais variados procedimentos concretos. Se é verdade que contém numerosas sugestões práticas e exercícios de aplicação, nem aquelas nem estes arrastarão o leitor para uma via metodológica precisa e irrevogável. Este livro foi inteiramente redigido para ajudar o leitor a conceber por si próprio um processo de trabalho, e não para lhe impor um determinado processo a título de cânone universal. Não se trata, pois, de um «modo de emprego» que implique qualquer aplicação mecânica das suas diferentes etapas. Propõe pontos de referência e um percurso para que cada um possa elaborar com clareza dispositivos metodológicos próprios em função dos seus objectivos.

Com este propósito – e trata-se de uma segunda precaução –, as páginas desta obra convidam constantemente a um distanciamento crítico e à reflexão ética, de modo que o leitor seja regularmente levado a questionar-se de forma racional sobre o sentido do seu trabalho, conforme for progredindo. As reflexões que propomos ao leitor fundam-se na nossa experiência de investigadores em ciências sociais, de formadores de adultos e de docentes. São, portanto, forçosamente subjectivas e inacabadas. Esperamos, assim, harmonizar as exigências de uma formação prática, que requer ferramentas metodológicas precisas, com as de uma reflexão crítica que analise o alcance e o limite dessas mesmas ferramentas.

Muitos dos leitores desta obra seguiram ou seguem paralelamente uma formação teórica e dispõem da possibilidade de discutir criticamente com um docente ou um investigador formado em ciências sociais. Evidentemente seria o ideal. Outros, que seguem uma formação principal numa área diferente ou que não têm um percurso escolar convencional, não dispõem, ou dificilmente dispõem, dessa possibilidade. Para esse efeito, a nossa obra de método inclui um conjunto de recursos de base que serão apresentados conforme forem sendo mobilizados no processo de investigação.

Uma investigação em ciências sociais não é, pois, uma sucessão de métodos e técnicas estereotipados que bastaria aplicar tal qual se apresentam, numa